

RESENHA

BRASIL TUMBEIRO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESCREVIVÊNCIA

Resenha do livro *Brasil Tumbeiro*, de Mário Aranha, com ilustrações de Eduardo Vetillo. 1^{ed}. Campinas/SP: Editora Mostarda, 2021.

CASELLA, Cesar Augusto de Oliveira¹

O apelido de Aranha, dado a um goleiro de futebol, faz referência a uma boa habilidade em defender o gol, pois é propriedade da aranha tecer a teia em que agarra outros insetos. Portanto, é uma alcunha elogiosa para qualquer atleta da posição e, imediatamente, remete ao lendário Aranha Negra, o russo Lev Yashin. Ao migrar do campo de futebol para o campo das letras, Mário Lúcio Duarte Costa agregou o apelido ao seu nome de batismo, tornou-se Mário Aranha e agora tece a teia do texto para agarrar jovens leitores.

Para escrever *Brasil Tumbeiro*, conforme descreve Adailton Moura (2021), Mário Aranha uniu seus conhecimentos sobre as relações raciais no Brasil, adquiridos na cultura Hip Hop e no Rap, às pesquisas feitas após sua aposentadoria do futebol, em 2018, e à experiência de vida. O livro, em linhas gerais, apresenta personalidades negras que foram essenciais para o desenvolvimento do Brasil, em diversos setores da sociedade, além de refletir sobre o racismo estrutural brasileiro e suas raízes no regime escravocrata colonial e imperial.

¹ Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Estadual de Goiás (UEG/Campus Cora Coralina), doutorando em Estudos de Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGL/UERJ). E-mail: cesar.casella@ueg.br.

O objetivo da obra, consignado no prefácio, é o de “conter o mínimo que todo brasileiro, negro ou não, deveria saber sobre a história do negro no Brasil” (ARANHA, 2021, p. 5), um mínimo que liga a história, principalmente a que aparece nos livros didáticos e que informa todos os brasileiros, a memória, que seleciona e estabelece os fatos dando-lhes coerência e sentido, e a escrevivência, conceito que permite compreender a perspectiva adotada pelo autor.

Ressalte-se o uso do vocábulo ‘tumbeiro’ no título. Morfologicamente, o termo compõe-se do radical <tumb-> mais o sufixo {-eiro}. Na definição do Aulete Digital², o termo, como adjetivo, serve para qualificar algo relativamente à tumba, em consonância com sua formação morfológica. Como substantivo, em segunda acepção decorrente da primeira, o termo significa aquele que leva o caixão à tumba.

Na terceira acepção, também como substantivo, é que o termo designa um navio de tamanho pequeno, que servia ao tráfico de escravos negros para o Brasil, cujas condições sub-humanas levavam quase metade dos africanos escravizados à morte. Vê-se que este segundo substantivo, pela colocação sintática, foi transformado em adjetivo, permitindo, metaforicamente, produzir o sentido pretendido: o Brasil como um navio negreiro. No entanto, talvez seja interessante guardar a semântica gramatical primária: o Brasil carrega um caixão para a tumba.

De todo modo, um título forte. Em sua estrutura, *Brasil Tumbeiro* é composto de Introdução e de três partes, além de um Prefácio, um Posfácio e de um anexo com Textos Complementares, que contextualizam o autor e a obra para os leitores. As ilustrações de Eduardo Vetillo são figurativas, no sentido de apoiarem visualmente o texto. Desta maneira, por meio delas nós visualizamos muitos dos personagens biografados e algumas das situações relatadas. Ilustrações coerentes com a proposta do livro de ser uma obra infantojuvenil, o que está consignado na ficha catalográfica.

Na Introdução, Mário Aranha reflete sobre a existência, desde a antiguidade, da escravidão na história da humanidade e sobre a sua mutação para um regime de exploração mercantil, dentro do sistema colonial implementado nas Américas. Regime violento e intimidatório que desumanizava, criando “o temor sempre presente que desestimulava sentimentos como fraternidade, solidariedade e, acima de tudo, confiança” (ARANHA, 2021, p. 16). Estes sentimentos, justamente, são os que *Brasil Tumbeiro* busca resgatar em relação aos personagens históricos que são biografados.

² Disponível em: <https://www.aulete.com.br/tumbeiro>.

As biografias formam a Parte I, perfazendo o total de 15 itens. Elas são apresentadas, grosso modo, como uma forma de visibilizar o papel dos negros na luta pela liberdade e, assim, os nomes e as histórias de vida são mostrados como a de “Heróis negros”, título do primeiro item. É neste enquadre que se biografa, em 13 itens, os palmarinos Ganga Zumba, Zumbi e Dandara; a rainha Tereza de Benguela; o rábula Luiz Gama e sua mãe, Luíza Mahin; os irmãos engenheiros André e Antônio Rebouças; o jangadeiro Francisco José do Nascimento; o insurgente João Cândido; o imortal Machado de Assis; o abolicionista José Carlos do Patrocínio; o africano Mahommah Baquaqua; João Esan da Rocha e os irmãos Assumpção, exemplos da Diáspora Reversa; e o doutor Juliano Moreira. A Parte I apresenta, ainda, o item “Palmares por dentro”, que dá notícia de como era o funcionamento do Quilombo dos Palmares.

Dividida em 16 itens, a Parte II de *Brasil Tumbeiro* é dedicada a relembrar temas e assuntos ligados à escravidão no Brasil. Em “A administração da escravidão”, o autor trata da legislação que sustentou e depois encerrou o regime escravocrata, mostrando que “as leis foram se digladiando entre inúteis e prejudiciais aos interesses dos escravizados” (ARANHA, 2021, p. 66). A reflexão sobre a legislação escravocrata também está presente, e se particulariza, nos itens “Lei Feijó”, “Lei Eusébio de Queirós”, “A Lei do Ventre Livre”, “Empurrando com a barriga: a Lei dos Sexagenários e Lei Áurea – começo ou fim?”

Alguns itens da Parte II, tais como “Capitão do mato”, “Capoeira”, “Pés descalços”, “Os Lanceiros Negros e Tigres”, funcionam quase como verbetes de um glossário crítico sobre a escravidão no Brasil. Por fim, também na Parte II, os itens “Tensão permanente”, “A revolta dos Malês”, “A grande guerra do Brasil, Aracape ou redenção?” e “O quilombo do Leblon” dão informações selecionadas sobre as insurreições e os levantes que mostram como “a escravidão se constituiu em um foco de permanente tensão entre escravizados e escravizadores” (ARANHA, 2021, p. 75).

A parte III apresenta 3 itens que, sequencialmente, vão especificando e levando a questão do racismo estrutural da teoria à prática, da história para a escrevivência. Assim, o primeiro item é “Racismo e preconceito”, em que o fenômeno dos “ex-escravizados que eram senhores e exploradores de mão de obra de escravizados” leva “à reflexão sobre como funciona a instituição racista no país” (ARANHA, 2021, p. 102). Em “Teorias”, o segundo item, apresenta-se como o racismo ganhou foro ilegítimo de ciência, a partir da teoria evolucionista de Darwin. Ao final, o terceiro item, “No futebol”, traz a problemática para esta esfera social, a de origem do escritor, tão popular e frequente no cotidiano do brasileiro.

Durante sua trajetória no futebol, em 2014, Mário Aranha foi alvo de ataques racistas em Porto Alegre, vindos de torcedores do Grêmio, quando jogava pelo Santos. Como relata o autor, no Posfácio:

Interrompi o jogo e exigi que o árbitro tomasse uma atitude diante das agressões que sofria por parte da torcida gremista. Minha indignação e revolta eram tamanhas que chamaram a atenção de todos para um problema nacional que persiste em atrasar e constranger o Brasil: o racismo. (ARANHA, 2021, p. 109)

Este, entre outros, é um ponto que permite pensar *Brasil Tumbeiro* sob o signo da escrevivência. Em “A Escrevivência e seus subtextos”, Conceição Evaristo, ao pensar o conceito de <escrevivência> como um fenômeno diaspórico e universal, diz que a imagem nuclear, que funcionou como geradora de sentidos para o conceito, é a figura da “Mãe Preta” (EVARISTO, 2021, p. 29), compreendida como “aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora” (EVARISTO, 2021, p. 29-30), servindo como mãe de leite, como cozinheira, como ama que falava com as crianças e lhes ensinava as primeiras palavras, que contava histórias e as ninava na hora de dormir.

O resgate dessa imagem permitiu uma inversão, permitiu “borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas” (EVARISTO, 2021, p. 30), fazendo que a escrita passe a pertencer às mulheres negras e afrodescendentes, pois elas se apropriam dos “signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais” (EVARISTO, 2021, p. 30).

Entretanto, se a voz das gerações escravizadas era submetida aos desígnios dos senhores, a escrita atual não, por isso a “escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2021, p. 30). *Brasil Tumbeiro*, misturando história, memória e escrevivência, valorizando a escrita sem esquecer da força da oralidade, presta-se não só a acordar a casa-grande, mas também a despertar na senzala os sonhos justos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Mário. *Brasil Tumbeiro*. Ilustrações de Eduardo Vetillo. 1^{ed} Campinas/SP: Editora Mostarda, 2021.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. 1^{ed} Rio de Janeiro/RJ: Mina Comunicação e Arte, 2020.

MOURA, Adailton. Brasil Tumbeiro: livro do ex-goleiro Aranha destaca heróis e heroínas negros que foram essenciais no desenvolvimento do Brasil. *AUR*, 04/08/2021. Disponível em: <<http://aurculture.com/brasil-tumbeiro-goleiro-mario-aranha/>>. Acesso em: 29/09/2022.